

## **O discurso fotográfico sobre EaD no Especial da Folha**

### **Photographic discourse of distance learning in the Special Section of Folha**

### **El discurso fotográfico sobre educación a distancia en el Especial de Folha**

**Édison Trombeta-de-Oliveira**

**Universidade Virtual do Estado de São Paulo**

[edisontrombeta@gmail.com](mailto:edisontrombeta@gmail.com)

**Nádia Rubio-Pirillo**

**Universidade Virtual do Estado de São Paulo**

[nadia\\_pirillo@yahoo.com.br](mailto:nadia_pirillo@yahoo.com.br)

*Fecha de recepción: 02 de junio de 2017*

*Fecha de recepción evaluador: 8 de julio de 2017*

*Fecha de recepción corrección: 29 de agosto de 2017*

## **Resumo**

A Educação a Distância (EaD) tem ganhado destaque no ensino superior e, por consequência, na mídia. Por este motivo, este trabalho analisa o discurso fotográfico sobre a EaD no Especial publicado na versão on-line do jornal *Folha de S.Paulo*. Embasa-se em teorias semióticas para debater o *corpus* de 8 fotografias. Foi possível perceber que as fotografias focam as tecnologias, retratam o aluno como alguém que estuda sozinho e concilia os estudos com trabalho ou afazeres domésticos. Em menor escala, a EaD é retratada como um produto que busca destaque no mercado.

**Palavras-chave:** Fotografia; Educação a Distância; Folha de S.Paulo; Semiótica; Ensino Superior; Tecnologia.

## Abstract

Distance Education is having an increasing prominence in higher education and, as a result, in media. Therefore, this paper analyzes the photographic discourse in the Special Section of distance learning published by online version of *Folha de S.Paulo* newspaper. Based on Semiotics theories, this study discusses 8 photos. It was noticed that most of the photos focuses on technologies and the student is depicted as someone who studies alone and who has to reconcile studies with work or household chores. To a lesser extent, distance education is depicted as a commodity that stands out in market.

**Keywords:** Photography; Distance Education; Folha de S.Paulo; Semiotics, Higher Education; Technology.

## Resumen

La Educación a Distancia (EaD) ha ganado importancia en la enseñanza superior y, por consiguiente, en los medios. Por este motivo, este trabajo analiza el discurso fotográfico sobre EaD en el Especial publicado en la versión *on-line* del diario Folha de S. Paulo. Se interna en teorías semióticas para debatir el *corpus* de 8 fotografías. Es posible percibir que las fotografías se centran en las tecnologías, retratan al alumno como alguien que estudia solo y concilia los estudios con trabajo o tareas domésticas. En menor escala, la EaD es retratada como un producto que busca destacarse en el mercado.

**Palabras-clave:** Fotografía; Educación a distancia; Folha de S.Paulo; Semiótica; Enseñanza superior; Tecnología.

## Introdução

Os avanços tecnológicos provocaram transformações na sociedade que vão além de mudanças meramente estruturais. Segundo Benkler (2006), as novas tecnologias permitiram uma nova organização econômica, social e de práticas produtivas que criam um ambiente no qual a informação e o conhecimento se estabelecem como principal capital.

A internet tem redefinido tanto o modo de produção quanto de disponibilização de conteúdos, democratizando a divulgação e o acesso às informações. O ambiente digital representa uma mudança nas antigas tendências de comunicação, porque consegue

expandir o alcance de conteúdos ao descentralizar a estrutura de produção e distribuição de informações, cultura e conhecimento (Benkler, 2006).

As transformações proporcionadas pelas novas tecnologias têm reflexos em diversas áreas, como, por exemplo, na comunicação e na educação, bem como na intersecção entre as duas. Martínez (2013) destaca o papel da comunicação na educação a distância como uma forma de desenvolvimento e uso de produtos comunicativos e intercâmbio de informações com fins de aprendizagem no ciberespaço. Isso se dá por meio do uso intencional das novas tecnologias de informação e comunicação e, assim, ocorre a construção de conhecimento por meio da aprendizagem, em especial a colaborativa.

As informações e os conhecimentos difundidos na internet têm em comum o fato de serem acessados de forma não linear, a partir do interesse de cada um. Essa organização, o hipertexto, exige uma redefinição do papel do jornalismo, que precisa estar adequado a esses novos processos (Targino & Gomes, 2008). Dessa forma, o acesso às notícias parece estar se modificando para atender cada vez mais às especificidades e preferências do consumidor midiático. Para Dalmonte (2007, p. 141) “a principal potencialidade do hipertexto, no âmbito digital, é possibilitar a interconexão entre discursos, segundo critérios do próprio navegador; o que caracteriza uma nova textualidade para a narrativa do fato jornalístico”.

Nesse mesmo sentido, o acesso, a seleção e o consumo de conteúdos traz mudanças significativas para o processo de ensino-aprendizagem no ambiente digital. Os alunos de cursos realizados na modalidade a distância lidam com a flexibilização de tempo-espaço para os estudos, ou seja, têm condições de determinar, em grande parte, os horários e os locais para desenvolver sua aprendizagem. Essa capacidade faz parte de um processo de construção da autonomia do aluno, que, em última análise, tende a permitir que ele consiga, por si só, determinar todos os fatores da própria aprendizagem, como objetivos de aprendizagem, métodos para avaliação, caminho didático, etc. (Knowles, 1973).

A partir dessas considerações iniciais, o objetivo deste trabalho é analisar qualitativamente o discurso fotográfico sobre a Educação a Distância (EaD) no Especial sobre o assunto publicado na versão on-line do jornal *Folha de S.Paulo*. Um dos fundamentos que norteiam este trabalho e, conseqüentemente, justificam a escolha do *corpus*, é o fato de que o fotojornalismo exerce grande influência na construção do imaginário coletivo (Cirjanic, 2015). Assim, torna-se patente a necessidade de análise das imagens publicadas na mídia.

Pretende-se, dessa forma, verificar se as características observadas nas imagens que ilustram as notícias sobre a EaD estão em consonância com as proposições dos autores revisados neste estudo. Para a fundamentação teórica, utiliza-se documentos oficiais que definem a EaD no país (Brasil, 2006; 2015; 2016). Revisa-se, também, autores que conceituam a educação a distância (Holmberg, 2003; Peters, 2006; Belloni, 2015). Particularmente, são aprofundadas as características da modalidade de acordo com os ditos de Belloni (2015), para quem a educação a distância pode ser compreendida a partir das seguintes características: aprendizagem ao longo da vida, sistemas “ensinantes”, estudante-usuário e pedagogia da pesquisa e educação como mercadoria. Metodologicamente, oito imagens que ilustram o Especial sobre EaD são analisadas a partir da semiótica de Peirce (2000).

## Marco referencial

A Educação a Distância é caracterizada como modalidade educacional na qual o processo de ensino-aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com alunos e professores em lugares ou tempos diversos. Deve ser desenvolvida por pessoal qualificado e contar com políticas de acesso, acompanhamento e avaliação adequadas (Brasil, 2016). O número de alunos matriculados em cursos de nível superior nesta modalidade tem crescido no Brasil. Dados do Censo da Educação Superior 2014 revelam que a EaD já representa 17,5% das matrículas da educação superior, com 1,34 milhão de alunos (Brasil, 2015).

Em termos teóricos, há autores como Holmberg (2003), que lança luzes sobre as mudanças no processo de ensino-aprendizagem com foco no papel do aluno. Segundo estes, há que se destacar o papel da educação a distância na construção e no fortalecimento da autonomia e da independência dos alunos, de forma que eles sejam cada vez mais capazes de analisar seu próprio contexto educacional, reconhecer e colocar em prática seus objetivos educacionais, com base nos estímulos internos (o que ele quer aprender, para que ele quer aprender, como ele quer aprender, etc) e nos externos (o que está disponível para ser aprendido, como a instituição permite que eu aprenda, etc). A base desses conceitos está em Knowles (1973) e no seu pensamento da educação de adultos, que influencia sobremaneira os pressupostos da EaD.

Por outro lado, há autores como Peters (2006; 2012) que destacam a forma como a educação a distância, enquanto campo do saber, se organiza e funciona. Estão em foco aspectos macro e microestruturais, como a globalização e as influências do neoliberalismo no processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias. É evidente que isso reflete no papel do aluno, tal qual os autores citados no parágrafo anterior. Mas o foco não é exatamente aí, mas sim no que causa essas características em termos estruturais.

Ambas as correntes influem na EaD contemporânea no Brasil, em especial no que tange ao nível superior. Neste sentido, Belloni (2015) elenca características da modalidade no país: aprendizagem ao longo da vida, sistemas “ensinantes”, estudante-usuário e pedagogia da pesquisa e educação como mercadoria. Estes são traços marcantes da EaD no nível superior no país, fomentados especialmente pelas políticas neoliberais que, ao mesmo tempo em que democratizaram acesso a este nível, também fetichizaram a área de forma a melhor servir o mercado.

Segundo Belloni (2015), aprendizagem ao longo da vida refere-se à necessidade do mercado em relação a indivíduos sempre atualizados e competitivos frente à economia globalizada e tecnologicada atual. Assemelha-se à teoria de Novak (2010), segundo o qual é função das instituições de ensino, além de trabalhar os conteúdos histórica e socialmente construídos pela humanidade, despertar no aluno a capacidade refletir sobre como se aprende (metacognição). Já a questão dos sistemas “ensinantes” incide nos ambientes virtuais de aprendizagem, uma mudança estrutural nas condições de estudos uma vez que eles e os docentes estão separados e, assim, o ambiente de estudo precisa ser o mais intuitivo e instrutivo possível. Bates (2015) indica que a maioria destes ambientes ainda replica modelos de sala de aula presencial, como a disposição do conteúdo em unidades semanais ou módulos, disponibilização a todos os alunos ao mesmo tempo e avaliações finais. De certa forma, isso permite ao aluno determinado nível de conforto, pois segue-se condições às quais ele já está acostumado, apenas em um novo *locus*.

Quando fala de estudante-usuário e pedagogia de pesquisa, Belloni (2015) trata do prisma teórico delimitado anteriormente por Holmberg (2003). Tem a ver com a autonomia do aluno ao longo do seu processo educativo e reflete-se na estrutura da EaD, de forma que os cursos não sejam apenas como blocos instrucionais, mas sim que permitam interação, reflexão, diálogo e troca de conhecimento. Por fim, ao discorrer sobre educação como mercadoria, Belloni (2015) destaca que a EaD tende a transformar, sob influência do neoliberalismo, a educação em uma mercadoria, a ponto de gerar lucro em larga escala, ser importada e exportada e, inclusive, possuir capital aberto na bolsa de valores, como indicam Vale, Carvalho e Chaves (2014).

Ditas estas características, o que não esgota o assunto mas atende aos objetivos deste trabalho, vale destacar os materiais e os métodos adotados neste trabalho.

## Metodologia

O alicerce teórico-metodológico deste trabalho está em Peirce (2000). Isso porque o principal objetivo é analisar, por meio da semiótica de bases peircianas, se e como o discurso fotográfico das imagens publicadas sobre Educação a Distância no Especial online do jornal *Folha de S.Paulo* convergem com os autores revisados neste trabalho. As

análises que se seguirão intentam, utilizando-se também de pesquisas documentais e bibliográficas (GIL, 2008), traçar padrões a respeito de como o veículo, por meio de suas fotografias, retrata a EaD, em especial com relação às concepções trazidas na seção anterior.

Trata-se, assim, de um estudo para “explicar o processo de significação” cuja “lógica é determinada por um complexo tricotômico constante, isto é, um sistema quase ilimitado de relações entre tríades” (Rocha, 2015, p. 542). Especificamente, a semiótica de Peirce (2000) postula que a construção de significados acontece a partir de uma relação triádica entre signo, objeto e interpretante. As bases dessa pirâmide, objeto e interpretante, são as partes materiais do signo; a ponta superior é a abstração, o conceito (Oliveira & Ribeiro, 2014). Assim, esta linha semiótica abrange a relação dos signos entre si, dos signos com os conteúdos pré-existentes e dos signos com os sujeitos interlocutores e seus contextos (Trevizan, 1998; 2002). Neste sentido, os signos se apresentam igualmente de forma triádica ao sujeito leitor: em um primeiro momento (primeiridade), o que sobressalta é a sua materialidade física, icônica, um estado de contemplação sem vínculo consciente de interpretação (quase-signo); na secundidade ocorre minimamente uma relação do signo com outro signo, ou dele com seus sujeitos, leitor ou autor (sinsigno). Por fim, na terceiridade trata da interpretação e da simbolização do signo (legi-signo), um efeito do ocorrido na primeiridade e na secundidade (Santaella, 2005; Trevizan, Lopes & Souza, 2015; Sandoval & Canales, 2015).

Há, evidentemente, elementos a mais a serem considerados em análises de fotografia. Existe todo um contexto que a envolve e deve ser levado em conta. Barthes (2009, p. 12), por exemplo, aponta que “a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; comunica, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda a fotografia de imprensa”. A autoria também não deve ser desconsiderada: embora a qualquer imagem técnica produzida por mãos e mentes humanas se conectem fisicamente ao seu referente, há uma moderação cultural, estética, técnica e ideológica articulada ao seu produtor, de maneira mais ou menos consciente (Kossoy, 1999).

Os fatores elencados foram todos levados em consideração na análise do corpus desta pesquisa, que se constituiu de oito fotografias publicadas em matérias do Especial Educação a Distância, da *Folha de S.Paulo*. Ao todo, o Especial conteve 16 materiais, entre notícias, infográficos e artigos de opinião. No entanto, como dito, apenas a metade possuía fotografias. As demais eram ilustradas por infográficos - elementos imagéticos que fogem ao escopo deste trabalho e que, por isso, não são considerados para análise -, ou não possuíam qualquer elemento visual. O corpus de análise está elencado na tabela a seguir e as imagens utilizadas para as discussões serão inseridas no transcorrer das discussões, mais à frente.

**Tabela 1. Corpus de análise**

Foto	Data	Título da matéria	Link da notícia
A	30/07/2015	Professor virtual precisa dar 'show' sem ver a resposta do público	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661669-professor-de-aula-virtual-sofre-com-camera-e-falta-de-retorno-dos-alunos.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661669-professor-de-aula-virtual-sofre-com-camera-e-falta-de-retorno-dos-alunos.shtml</a>
B	30/07/2015	3ª geração de domésticas, Mayla fez faculdade on-line e já visa o mestrado	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1660937-filha-e-neta-de-empregada-faz-curso-a-distancia-e-vira-tutora-on-line.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1660937-filha-e-neta-de-empregada-faz-curso-a-distancia-e-vira-tutora-on-line.shtml</a>
C	30/07/2015	Mãe de crianças pequenas segue seu sonho estudando engenharia on-line	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1662095-com-filha-pequena-tecnica-faz-aula-on-line-para-realizar-sonho-de-virar-engenheira.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1662095-com-filha-pequena-tecnica-faz-aula-on-line-para-realizar-sonho-de-virar-engenheira.shtml</a>
D	30/07/2015	Tudo pode ser ensinado pela tela, mas aula prática depende de supervisão	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661681-tudo-pode-ser-ensinado-pela-tela-mas-treinamento-depende-de-supervisao.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661681-tudo-pode-ser-ensinado-pela-tela-mas-treinamento-depende-de-supervisao.shtml</a>
E	30/07/2015	Nova geração de recrutadores quebra resistência contra graduação on-line	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661653-chegada-da-geracao-y-a-gestao-diminui-preconceito-com-graduados-a-distancia.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661653-chegada-da-geracao-y-a-gestao-diminui-preconceito-com-graduados-a-distancia.shtml</a>
F	30/07/2015	Entidades de classe criticam cursos a distância, e especialistas defendem	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661676-cursos-praticos-a-distancia-usam-tutores-e-videos-para-ajudar-aluno.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661676-cursos-praticos-a-distancia-usam-tutores-e-videos-para-ajudar-aluno.shtml</a>
G	03/08/2015	Graduação on-line dispara no país, mas antigos problemas persistem	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1663142-graduacao-on-line-dispara-no-pais-mas-antigos-problemas-persistem.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1663142-graduacao-on-line-dispara-no-pais-mas-antigos-problemas-persistem.shtml</a>
H	03/08/2015	Da roça ao diploma: Flávia trocou a costura por curso de pedagogia on-line	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1660938-da-roca-a-ufmg-mineira-curso-pedagogia-on-line-e-sonha-em-ser-professora.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1660938-da-roca-a-ufmg-mineira-curso-pedagogia-on-line-e-sonha-em-ser-professora.shtml</a>

A análise se deu a partir das imagens agora indicadas e com base nas categorias debatidas por Belloni (2015) e elencadas neste trabalho (aprendizagem ao longo da vida, sistemas “ensinantes”, estudante-usuário e pedagogia da pesquisa e educação como mercadoria).

Assim, inicialmente, procurou-se analisar as imagens e categorizá-las de acordo com sua principal leitura, conforme modelo de tabela analítica a seguir, na qual se assinalou a categoria respectiva da análise semiótica.

**Tabela 2. Modelo de tabela analítica**

Foto	Aprendizagem ao longo da vida	Sistemas “ensinantes”	Estudante-usuário e pedagogia da pesquisa	Educação como mercadoria
A				
B				
C				
...				

Conforme se verá a seguir, uma mesma fotografia pode ter possuído elementos semióticos que justificassem a sua permanência em mais de uma categoria. Nestes casos, foram marcadas todas as categorias identificadas. Além do apontamento das categorias, na próxima seção estão elencados os elementos da leitura semiótica dos discursos fotográficos que justificam tal classificação.

## Resultados e discussão

A discussão dos dados inicia-se com a apresentação da tabela analítica, que contém a indicação das imagens e a categorização geral delas, segundo o referencial teórico adotado neste trabalho. A partir dessas informações apresentadas, passa-se a apresentar os elementos que justificam esta categorização.

**Tabela. 3. Análise das fotografias elencadas como corpus, segundo as categorias apontadas**

Foto	Aprendizagem ao longo da vida	Sistemas “ensinantes”	Estudante-usuário e pedagogia da pesquisa	Educação como mercadoria
A		X		X
B	X	X	X	X
C	X	X	X	
D	X	X		
E	X	X		
F	X	X	X	
G	X	X	X	
H	X	X	X	

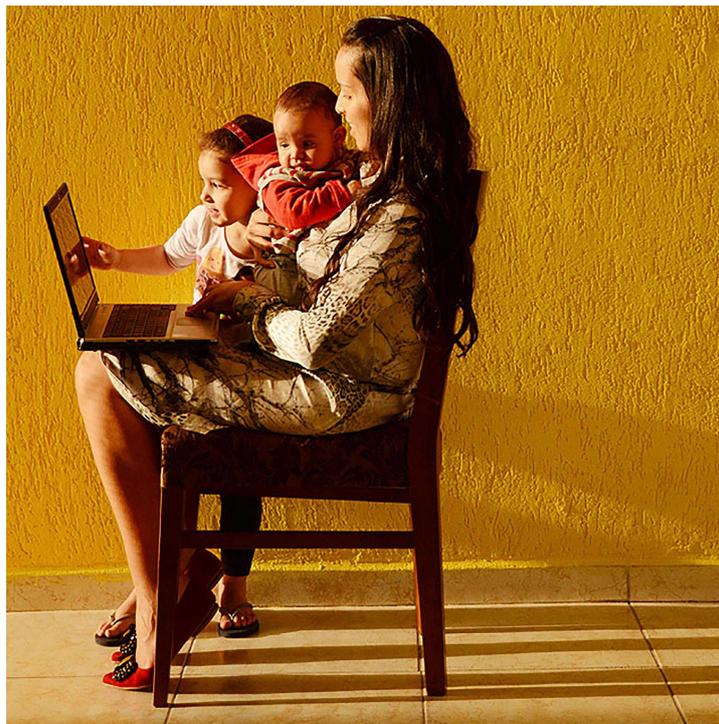
De início, pode-se observar uma grande concentração das imagens nas categorias Sistemas “ensinantes”, que perpassou todas as fotografias analisadas, seguida de Aprendizagem ao longo da vida, verificada em sete das oito imagens. A categoria Estudante usuário e pedagogia da pesquisa esteve presente em cinco fotografias, enquanto que o discurso sobre Educação como mercadoria emergiu apenas em duas.

De forma geral, não há um padrão de cor ou de movimento, elementos sensíveis da primeiridade e suas interpretações de secundidade, conforme postula a teoria perceiana, que liguem determinada imagem a sua categoria. Entre as fotografias destacadas como representativas de Sistemas “ensinantes”, por exemplo, há desde de cores escuras com predominância do preto, como na foto A (Figura 1, a seguir), até cores amareladas e luminosas, como na foto C (Figura 2).

**Figura 1. Foto A - Professor Clayton Santos Cruz grava curso no estúdio do Senac, em São Paulo - Karime Xavier, Folhapress**



**Figura 2. Foto C - Aline Fontana, 28, com seus dois filhos pequenos, estuda em casa - Karime Xavier, Folhapress**



No entanto, os elementos que levaram os pesquisadores a classificarem as fotografias como representativas de Sistemas “ensinantes” envolvem basicamente a presença de um elemento tecnológico, seja computador pessoal, tablet, notebook, etc. Ainda ilustrando pelas mesmas fotografias já indicadas (Figuras 1 e 2), estão sempre visíveis na primeiridade, ou seja, aquilo que salta à materialidade, elementos tecnológicos: de produção como luzes de estúdio e rebatedores (bem como outros que ficaram de fora do recorte da fotografia, mas estão subentendidos, como câmera e teleprompter) no primeiro caso, e um notebook no segundo. De acordo com a tricotomia peirceana, então, a tecnologia - no sentido como se observa hoje, envolvendo fortemente os aparatos da informática - tornam-se símbolos da mudança nas condições de estudos delimitada por Belloni (2015), da separação física e/ou espacial entre alunos e docentes. Assim, pelo discurso fotográfico aqui debatido, ao tomar o signo da tecnologia com o signo da educação (levando à secundidade, ou sinsigno), torna-se impossível visualizar, por exemplo, a educação a distância por meio apenas de meios impressos, como livros ou apostilas, ou mesmo por meios radiofônicos e televisivos, ainda característicos da EaD especialmente em locais com dificuldades de conexão à internet (Peters, 2003). Esses elementos tecnológicos estão presentes em todas as fotos aqui analisadas.

As sete fotografias nas quais foi identificada a característica “aprendizagem ao longo da vida” têm em comum o fato de retratar pessoas com uma faixa etária mais elevada, já inseridas no mercado de trabalho ou com família constituída e que buscam na EaD a flexibilidade de tempo e espaço para os estudos. De acordo com Belloni (2015), a busca dos indivíduos por uma formação reflete a demanda de uma economia globalizada, que exige profissionais capacitados para as necessidades de mercado atuais. Exemplos dessa proposição podem ser observados na foto E (Figura 3) e na foto F (Figura 4). Em uma análise triádica baseada em Peirce (2000), na primeiridade encontram-se os personagens mais velhos, com família constituída e que, por esse motivo, postergaram os estudos. Na secundidade, pode-se vislumbrar o signo da família constituída e abandono dos estudos em uma relação com o signo da educação tardia, levando à terceiridade (legi-signo), que simboliza a conquista da educação almejada por meio da EaD, uma modalidade que permitiria a retomada dos estudos.

**Figura 3: Foto E - Neide e Sara Rodrigues, mãe e filha que foram colegas na graduação a distância, em casa em MG - Pedro Silveira, Folhapress**



**Figura 4. Foto F - Gabriela Ramos, 40, estudante de gastronomia a distância fotografa sua 'lição de casa' - Moacyr Lopes Junior, Folhapress**



Nota-se que nas fotografias classificadas na categoria “aprendizagem ao longo da vida” as pessoas apareceram, em uma análise em primeiridade, estampando sorrisos e, em algumas delas, o olhar e o sorriso estão direcionados à tecnologia que os acompanha

na foto. Numa leitura mais profunda, em terceiridade, pode-se supor uma produção dessas imagens a partir de uma postura ideológica articulada (Kossoy, 1999), que coloca o aluno de EaD como um personagem alegre e satisfeito pela volta aos estudos ou por encontrar na modalidade um suporte para conciliar a vida pessoal/profissional com a vida de estudante.

As cinco fotografias nas quais a característica “estudante-usuário e pedagogia da pesquisa” foi identificada trazem, em comum, o fato de retratar o aluno da modalidade a distância sozinho, junto a uma tecnologia e, às vezes, rodeado por livros impressos. É o exemplo da Foto H (Figura 5).

**Figura 5. Foto H - A estudante de pedagogia on-line, Flávia Lima, em sua casa, em Belo Horizonte - Alexandre Rezende, Folhapress**



Na foto H (Figura 5), a montagem da fotografia com a estudante sozinha, próxima ao computador e livros, incita a pensar sobre sua autonomia em relação ao processo educativo. Em outras palavras, esta foto, assim como as demais classificadas nessa categoria, parece ilustrar uma situação comum a um estudante da EaD: a construção do conhecimento deve associar as aulas do curso às pesquisas e leituras que pode realizar por conta própria, a partir do acesso a outros materiais. Embora as fotografias costumem colocar o aluno dessa modalidade como alguém que está distante e sozinho, é válido lembrar que, quando bem elaborado, um curso EaD consegue promover a construção e a troca de conhecimentos entre o estudante e seus colegas e mediadores, desde que exista

uma intencionalidade pedagógica na sua concepção (Filatro, 2008). A construção do conhecimento, em detrimento de uma mera “transmissão” do conhecimento, está naquilo que Belloni (2015) coloca como “autonomia”, ao propor que os cursos na modalidade a distância não sejam elaborados como blocos instrucionais, mas que permitam a reflexão, a busca e a troca de saberes.

Por fim, a Educação como mercadoria costuma assumir duas facetas: a de ser ela mesma um produto e, portanto, com formas de produção econômicas e rentáveis, e a de ser um ponto fundamental para o mercado de trabalho, ou seja, um produto com foco na venda e na exploração comercial de forma que o seu consumidor observe nela um valor, o de conseguir se inserir com sucesso no mercado de trabalho (Belloni, 2015). Estes fatores foram materializados nas fotografias exatamente a partir de elementos que denotem tanto o aspecto produtivo em larga escala da EaD quanto o seu teor de mercadoria, para finalidade futura. As duas imagens que tratam deste aspecto são a A (Figura 1) e a B (Figura 6, a seguir).

**Figura 6. Foto B - Mayla no seu trabalho em serviço social, em Londrina (PR); ao fundo, roupas que serão doadas - Sergio Ranalli, Folhapress**



Na foto A (Figura 1), estão os elementos que caracterizam uma parte da linha de produção de conteúdos da educação a distância: o estúdio para gravação de videoaulas. Ao exibir parte do aparato tecnológico utilizado para a produção deste conteúdo (luzes, rebatedores, etc.) e, ao mesmo tempo, ocultar todas as demais partes desta linha (câmera,

teleprompter, microfones, funcionários, etc) - subentendidas ou não - a fotografia denota o caráter da economia que a produção em escala proporciona à modalidade. Inclusive, a questão da economia de escala é um ponto demarcador da EaD pelo mundo: enquanto os custos de produção de cursos a distância costumam ser maiores do que os do presencial, os custos de entrega e operacionalização são extremamente reduzidos, bem como o público atingido é muito maior, de forma que a equação torna a EaD mais lucrativa do que a educação presencial (Shearer, 2003). Na outra ponta do mercado da EaD estão o consumidor e, em última instância, o mercado. Isso está demonstrado na foto B (figura 6) que, com o apoio da respectiva legenda (“Mayla no seu trabalho em serviço social, em Londrina (PR); ao fundo, roupas que serão doadas”), exemplifica um caso de sucesso: uma pessoa graduada a distância que já trabalha na área e, além de tudo, aparenta felicidade. A percepção imediata do quase-signo estaria na imagem de satisfação de quem pode integrar o trabalho social com o estudo, imagem essa que se materializa no sorriso da trabalhadora. Assim, a EaD é um produto que deu a satisfação desejada ao consumidor.

Estes resultados se assemelham ao já constatado em outro trabalho, que estudou o discurso textual de matérias do compõem a Edição Especial “Por dentro da pedagogia a distância”, da Revista Nova Escola (Pirillo & Oliveira, 2016). No referido trabalho, por exemplo, a categoria de Belloni (2015) que mais se destacou nos textos foi também Sistemas “ensinantes”, e a menos aparente foi Educação como mercadoria. A primeira categoria foi textualmente sustentada por discursos sobre o uso das tecnologias no processo educacional como mais adequada do que os materiais impressos, enquanto que a de menor ocorrência teve seu discurso voltado ao mercado da EaD em si, e não nos reflexos junto ao público consumidor (Pirillo & Oliveira, 2016).

Por outro lado, Oliveira & Pirillo (2016) observaram que no discurso textual, das notícias escritas nesse mesmo especial agora analisado, não houve uma preponderância de uma dessas categorias. Esse resultado foi obtido via Análise de Conteúdo e, para além dessa percepção geral, verificou-se que a categoria Aprendizagem ao longo da vida é debatida com foco em discursos de superação e persistência por parte dos alunos, em especial em face às dificuldades pessoais para estudo em nível superior; os Sistemas “ensinantes” voltam-se aos ambientes virtuais de aprendizagem e demais tecnologias associadas; Estudante usuário e pedagogia da pesquisa é explorada em geral como pesquisa isolada, estudo solitário; e Educação como mercadoria é vista por dois prismas principais: a aceitação da EaD pelo mercado e um serviço que deve ser comercializado e, por isso, que deve ter autossustentabilidade financeira. Essas considerações a respeito das categorias estão também de acordo com os achados do presente trabalho.

## Considerações finais

Esta pesquisa intentou fundamentalmente analisar o discurso fotográfico a respeito da Educação a Distância no Especial de 2015 do jornal *Folha de S.Paulo*, por meio de debates semióticos com base em Peirce (2000) e a partir das categorias elencadas por Belloni (2015), a saber: aprendizagem ao longo da vida; sistemas “ensinantes”; estudante usuário e pedagogia da pesquisa; e educação como mercadoria.

A partir das fotografias elencadas, foi possível perceber que as categorias estão fortemente presentes na divulgação imagética da mídia quando o assunto é EaD. A questão que envolve os sistemas “ensinantes”, no sentido de aprendizagem por meio das tecnologias, de forma distanciada dos professores e demais agentes educacionais, foi a que mais se destacou: todas as fotografias analisadas traziam ao menos um elemento tecnológico (tablet, computador, celular, etc) em uso pelos sujeitos. Desta forma, é possível apontar que a mídia tem colocado as novas tecnologias de informação e comunicação praticamente como sinônimo de EaD, um símbolo desta modalidade. Não consideram, dessa forma, que a aprendizagem ocorrida por meio de livros, televisão ou rádio, por exemplo, possam ser consideradas como EaD e, assim, influem na própria visão que os leitores formam da modalidade.

Por sua vez, a aprendizagem ao longo da vida também esteve marcadamente presente nas fotografias analisadas - em sete das oito. Elas elencam alunos sempre de idade superior a das publicidades para estudantes de faculdades presenciais, por exemplo, que costumam ser bem jovens, recém saídos do ensino médio. No caso aqui discutido, trata-se geralmente de alunos mais velhos, já inseridos no mercado de trabalho ou que podem estudar mesmo cuidando de sua família ou com crianças no colo. Há que se ressaltar, inclusive, que a única imagem que não foi enquadrada nesta categoria é também a única que não foca no aprendiz, e sim naquele que ensina - o que indica que a aprendizagem ao longo da vida é também uma constante quando se fala sobre os alunos da EaD.

Estudante usuário e pedagogia da pesquisa, tal qual educação como mercadoria, foram categorias pouco presentes, embora contenham também signos significativos para análise. Na primeira, as cinco fotografias dão a entender que a EaD é propícia para o estudo individual - algo que é um tanto quanto diferente da autonomia nos termos propostos por Belloni (2015) neste quesito. Já quando se fala em educação como mercadoria, uma crítica constante de boa parte da comunidade acadêmica à modalidade (Torres & Lima, 2007), pouco pôde ser observado: apenas duas fotografias, que se dividiram na representação da produção da EaD e na recepção enquanto um produto com bom nível de aceitação pelo mercado.

As informações e os debates aqui trazidos estão em concordância, como já citado, com outros trabalhos, destacadamente Pirillo e Oliveira (2016) e Oliveira e Pirillo (2016). Isso denota que a mídia, em especial o webjornalismo, tem construído uma imagem particular a respeito da EaD enquanto uma modalidade educacional que se utiliza de tecnologias para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente de um público mais velho, já inserido no mercado de trabalho e/ou com família. Em menor escala, mas ainda com destaque, dão a entender que o aluno desta modalidade costuma estudar sozinho. Por fim, não costumam incluir leituras possíveis de se identificar a presença maciça das instituições privadas no mercado da educação, uma vez que elas são apontadas como responsáveis pelo status de mercadoria atribuído à educação, em especial à modalidade a distância (Vale; Carvalho; Chaves, 2014).

Cabe destacar, finalmente, que devido à expansão da modalidade nos últimos anos, e o vislumbre de sua continuação, é razoável acreditar na também crescente abordagem da mídia sobre este assunto. Assim, é fundamental que estudos neste âmbito sejam realizados, a fim de perceber a leitura que a mídia faz da modalidade e, conseqüentemente, como a imagem da EaD é construída no imaginário do seu público-alvo.

## Referências

- Barthes, R. (2009). *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; Edições 70.
- Bates, A. W. (2015). *Teaching in a digital age*. Sheffield: Anthony William (Tony) Bates (CC).
- Belloni, M. L. (2015). *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados.
- Benkler, Y. (2006). *The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom*. New Haven e Londres: Yale University Press.
- Brasil (2015). *Censo da Educação Superior 2014*. Brasília. Recuperado de [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=28571-apresentacao-censo-superior-imprensa-04-12-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=28571-apresentacao-censo-superior-imprensa-04-12-2015-pdf&Itemid=30192).
- Brasil (2016). *Resolução nº 1, de 11 de março de 2016*. Estabelece Diretrizes e Normas Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância. Brasília.

- Cirjanic, J. N. (2015). ¿Es posible una narrativa en la fotografía social? *Razón y Palabra*, 19(2\_90), pp. 419-436. Recuperado de <http://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/330/366>.
- Dalmonete, E. F. (2007). Inovações tecnológicas, webjornalismo e fluxos informacionais: entre novas possibilidades e velhos ideais. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 30(1), pp. 129-149. Recuperado de <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/284/277>
- Filatro, A. (2008). *Design instrucional na prática*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Holmberg, B. (2003). A theory of distance education based on empathy. En: Moore, M. G.; Anderson, W. (Eds.). *Handbook of distance education* (pp. 79-86). New Jersey e Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Knowles, M. (1972). *The adult learner: a neglected species*. Houston: Gulf Publishing Company.
- Kossoy, B. (1999). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Martínez, J. M. (2013). Fortalecimiento de habilidades académicas en comunicación. Una experiencia personal. *Razón y Palabra*, 17(2\_83), pp. 11-20. Recuperado de <http://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/363/398>.
- Novak, J. D. (2010). *Learning, creating, and using knowledge: concept maps as facilitative tools in schools and corporations*. New York: Routledge.
- Oliveira, É. T.; Ribeiro, A. I. M. (2014). Leitura semiótica e reconstrução histórica: análise de imagens da manifestação pela manutenção da UNESP. *Discursos Fotográficos*, 10(16), pp. 135-162. Recuperado de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/16508/14592>
- Oliveira, É. T.; Pirillo, N. R. (2016). A caracterização da educação a distância no Especial da Folha.com. *Temática*, 12(12), pp. 29-44.
- Peirce, C. S. (2000). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.

- Peters, O. (2003). Learning with New Media in Distance Education. En: Moore, M. G.; Anderson, W. (Eds.). *Handbook of distance education* (pp. 87-112). New Jersey e Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Peters, O. (2006). *Didática do ensino a distância*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Peters, O. (2012). *A educação a distância em transição*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Pirillo, N. R.; Oliveira, É. T. (2016). Características atribuídas à EaD nas matérias on-line da revista Nova Escola. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 39. Intercom. pp. 1-15.
- Rocha, L. V. (2014). Columbia Cidade Símbolo: Um Olhar Semiótico Sobre O Espaço Em Bioshock Infinite. *Razón y Palabra*, 18(3\_88), pp. 537-551. Recuperado de <http://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/303/339>.
- Sandoval, S. L. M. y Canales, B. L. V. (2015). El signo y sus aproximaciones teóricas en el desarrollo de la ciencia de la semiótica. *Razón y Palabra*, 19 (3\_91), pp. 475-495. Recuperado de <http://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/122/175>.
- Santaella, L. (2005). *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense.
- Shearer, R. (2003). Instructional design in distance education: an overview. En: Moore, M. G.; Anderson, W. (Eds.). *Handbook of distance education* (pp. 275-186). New Jersey e Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Targino, M. G. y Gomes, A. D. (2008). Informação e jornais de circulação gratuita em Barcelona – Espanha. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 31(1), pp. 51-78, jan./jun. Recuperado de <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/195/188>
- Torres, C. M. R. y Lima, T. M. B. (2007). Formação docente e educação a distância no Brasil: democratização ou mercantilização? *Universidade e Sociedade*, 39(1), pp. 107-116.
- Trevizan, Z. (1998). *As malhas do texto: escola, literatura, cinema*. São Paulo: Clíper.
- Trevizan, Z. (2002). *O leitor e o diálogo dos signos*. São Paulo: Clíper.
- Trevizan, Z., Lopes, E. S., y Souza, R. J. (2015). O discurso fotográfico no livro didático: representações e práticas inadequadas de leitura. *Discursos Fotográficos*, 11(19), pp. 247-272. Recuperado de

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/22988/18078>.

Vale, A. A., Carvalho, C. H. A. y Chaves, V. L. J. (2014). Expansão privado-mercantil e a financeirização da educação superior brasileira. En: Cabrito, B. et al. (Orgs.). *Os desafios da expansão da educação em países de língua portuguesa: financiamento e internacionalização* (pp. 199-220). Lisboa: Educa.